S. Brás, bispo mártir – 3 de Fevereiro

História e Legenda

Blasius Sebastenus, Blaise, Blasco ou Velasco, Brás ou Vasco, Blasius, Vlas, Vlaho, etc., médico e bispo martirizado na Arménia, sob Licínio, por ordem de Agrícola, governador da Capadócia, em 316.

> Desde pequeno que S. Brás foi muito bem-intencionado, modesto na juventude e em toda a sua vida temente a Deus. Obteve a afeição de todo o povo por suas grandes virtudes e fizeram-no Bispo de Sebaste, Província da Arménia. Depois, por inspiração divina, retirou-se para um monte que se chamava Argeu e viveu durante algum tempo numa gruta, a que acorriam todos os dias os animais selvagens daquelas paragens, para honrar o Santo e, por ele, serem curados, e receber a sua bênção. E se, por acaso, o viam em oração, não o interrompiam, nem o estorvavam, antes aguardavam que a acabasse, e não se retiravam dali sem receber a sua bênção: para que se veja como o Senhor honra os seus Santos, e que todas as criaturas lhe obedecem, e se entenda aquela excelência e domínio que tiveram os nossos primeiros Pais sobre os animais, no ditoso estado de inocência.

Nasceu em Sebaste, cidade da Arménia, nos finais do século III. Nas Actas de S. Brás, escritas em grego (de autenticidade duvidosa), estudou filosofia e foi médico em Sebaste. Supõe-se que seus pais seriam abastados. Todavia, parecia mais inclinado para a vida solitária de oração e penitência. A sua fama de santidade ter-se-á espalhado pela região de tal modo que o aclamaram Bispo, talvez contra a sua vontade, porque apaixonado pela vida retirada e de contemplação. Entretanto viu-se coagido a aceitar.

Viveu numa caverna como eremita. As aves providenciavam a sua subsistência e os animais reuniam-se, à sua volta, para receberem a sua bênção e serem curados das suas doenças. Segundo as Actas (séc. IX), o seu palácio episcopal continuou a ser a cova que antes habitara, no monte Argeu, descendo à cidade apenas quando as obrigações do zelo pastoral o reclamavam. Insistem na força taumatúrgica do Santo, sempre em favor dos pobres e dos enfermos, sublinhando a original vocação de médico dos corpos e das almas. A legenda exalta a força das suas palavras e dos seus gestos, com que confortava os cristãos e confundia os pagãos, se dedicava e consolava os pobres e curava os doentes.

> Pareceu bem ao Prefeito acabar de uma vez por todas com os cristãos que tinha presos e fazê-los despedaçar pelas feras, a fim de que, por esse modo, tivessem mais cruel e vil tormento e o seu sepulcro fosse o ventre delas e o povo pudesse festejar com tal espectáculo.
>
> Para isso, enviou seus Ministros à caça das mesmas feras, os quais, cercando o Monte Argeu, chegaram à cova, onde se encontrava S. Brás, e encontraram diante dela grande número de animais ferozes, leões, tigres, ursos, lobos e outros que lhe faziam companhia, com grande concórdia e amizade. Admirando-se muito, entraram com curiosidade dentro da gruta e viram o Santo sentado, absorto em Deus, suplicando-lhe (como se pode crer piamente) pela paz e tranquilidade da sua Igreja. Regressaram à Cidade e relataram ao Presidente o que tinham encontrado e visto. Ele enviou grande número de Soldados àquele monte, para que, com muita diligência, procurassem os Cristãos e trouxessem todos os que encontrassem.

Licínio, marido de Constança, irmã de Constantino, ficara com o império do Oriente e Constantino com o do Ocidente. Em 314 Constantino venceu o cunhado, mas deixou-lhe a Trácia e a Ásia. E a luta repetiu-se em 323. Licínio, por ódio a Constantino, começou a perseguir os cristãos, negando-lhes todos os direitos,

mesmo os de culto. Entre as vítimas desta perseguição deverá incluir-se S. Brás. A província da Capadócia e a Arménia eram governadas, em nome de Licínio, por um prefeito anticristão chamado Agrícola.

> Chegados à caverna, encontraram S. Brás sozinho, orando e louvando o Senhor e disseram-lhe: Vem connosco que o Prefeito te chama. E o Santo com grande alegria lhes disse: Meus Filhos, sede muito bem-vindos. Há muitos dias que estou à vossa espera. Eu procurei, aqui dentro, obedecer ao meu Senhor. Agora, por sua vontade, de bom grado vos seguirei. Esta noite apareceu-me três vezes e disse-me que me levantasse e oferecesse o sacrifício que os Sacerdotes costumam oferecer: então, irmãos, vamos, vamos em nome de Deus.
>
> Os Soldados levavam o Santo e ele, com as suas palavras, incendiava os corações dos que o ouviam e, com os milagres que fazia pelo caminho, se convertiam à Fé no Senhor. Chegado à Cidade, o Prefeito mandou-o encarcerar e trazê-lo, no dia seguinte. E, querendo-o aliciá-lo com imposturas, disse-lhe: Sê bem-vindo, meu queridíssimo amigo Brás e dos deuses imortais. A isso, Brás replicou: Deus te guarde, ó Prefeito. E para que te guarde, peço-te que não chames deuses aos demónios, em cujas mãos serão entregues quantos os adoram e têm por deuses. O Prefeito ficou atónito com tão livre resposta e ficou por um pouco perplexo, pensando o que havia de fazer com ele. E, enchendo-se de cólera, mandou que o espancassem ali mesmo. Assim o fizeram os algozes com muita violência e durante muitas horas, enquanto o Santo se conservava com grande firmeza e alegria. E, troçando do Prefeito, disse-lhe: Ó enganador das almas e desvairado, julgas que com os teus tormentos me hei-de afastar de Deus? Não, não, que o próprio Senhor está comigo e me conforta. Portanto faz de mim o que quiseres.

O Bispo de Sebaste, muito conhecido pelo cargo e pelos milagres que fazia, foi logo detido pelos soldados do Prefeito. Tiveram de ir buscá-lo à sua gruta do Monte Argeu. Trazido à cidade, propuseram-lhe que adorasse os deuses. O Santo negou-se decididamente: "Não quero ser amigo deles, porque não quero arder eternamente com os demónios". Este santo Bispo, foi martirizado em Sebaste, cerca de 316, no tempo de Licínio (308-323). Foi açoitado com vergas de boi, posto no ecúleo, submetido aos garfos com puas de ferro e lançado a um lago frio. Por último degolaram-no.

> O Prefeito mandou-o regressar ao cárcere. E, estando aí, uma piedosa mulher, viúva e velha, lhe trouxe de comer. E, lançando-se a seus pés, suplicava-lhe que aceitasse aquela miséria que lhe oferecia da sua pobreza. O Santo aceitou e, agradecendo-lhe, louvou a sua boa vontade e exortou-a que fizesse sempre o bem que pudesse, aos pobres, prometendo-lhe, não só a ela mas a todos os seus devotos, que os haveria de socorrer nas suas necessidades, vivo ou morto.
>
> Traziam ao Santo todos os enfermos daquela comarca e ele, por meio das suas orações, os curava. Entre eles veio um rapazito que, tendo comido peixe, se lhe havia atravessado uma espinha na garganta que o asfixiava a ponto de falecer. E, sendo trazido aos pés do Santo por sua mãe, com muitas lágrimas e suspiros, ele suplicou ao Senhor para que o sarasse, e a todos os que tivessem aquele mal e se encomendassem a ele. E, com isto, ficou são.
>
> E Deus, nosso Senhor, fez tantos e tão extraordinários milagres por intercessão de S. Brás, curando muitos que tinham alguma espinha ou osso atravessado na garganta que Aecio, antiquíssimo Médico grego, entre outros remédios que prescreve para este mal, põe a invocação de S. Brás e diz que, segurando o enfermo pela garganta, lhe digam estas palavras: Blasius Martyr et servus Christi dicit: Aut ascende aut descende (Brás Mártir e servo de Cristo manda: ou sobe ou desce) que é o sinal e que muito se usava no seu tempo.
>
> Passados alguns dias, Agricola mandou comparecer outra vez o Santo Bispo no tribunal e, ao ver que lhe falava com mais perseverança e firmeza no seu santo

propósito, mandou dependurá-lo num madeiro e açoitá-lo cruelmente. O Santo, não fazendo caso dos açoites, louvava o Senhor porque lhe dava as graças para sofrer por ele, como exemplo de fortaleza para os assistentes.

O Prefeito mandou-o regressar ao cárcere. E levando-o, seguiam-no atrás sete mulheres devotas e cheias de piedoso afecto, a recolher o sangue que destilava das suas chagas e caía por terra e com ele se ungiam com muito fervor.

As santas mulheres foram presas e levadas ao Prefeito que lhes disse que sacrificassem aos deuses ou que se preparassem para morrer. Responderam que enviasse os seus deuses a uma lagoa próxima a fim de que elas pudessem purificar-se e oferecer o sacrifício. O Prefeito alegrou-se muito com isso e determinou que se fizesse desse modo. Então, as santas mulheres tomaram os deuses do Prefeito e lançaram-nos na lagoa.

Tendo o Agricola sabido do sucedido, irritou-se de forma incrível. Mandou acender uma grande fogueira com chumbo derretido e sete pranchas, em forma de camisas de ferro e disse-lhes que escolhessem. Dizendo isto, uma das santas mulheres que tinha consigo dois filhos pequenos, correu para o fogo. Os dois filhos suplicavam-lhe que, se morresse, não os deixasse vivos, pois que já como lhes tinha dado a luz corporal, os ajudasse a ver a luz celestial e a saborear a felicidade do Senhor. Agricola perturbou-se inusitadamente quando ouviu as vozes e viu as lágrimas das crianças. Trespassado como por uma aguda espada de dor, deu um suspiro e disse: Como? As mulheres e as crianças burlam connosco? E mandou dependurá-los e rasgar as suas carnes com pentes de ferro. Mas (oh! Bondade do Senhor) não corria sangue das chagas, mas leite e as suas carnes estavam mais brancas do que a neve. E, enquanto os verdugos dilaceravam os corpos das Santas, os Anjos os curavam. E, aparecendo-lhes visivelmente, diziam: Não vos espantem os tormentos. Combatei, porque vencereis e sereis coroadas. Isto passará depressa e o galardão durará sempre.

Finalmente, o Prefeito mandou atirá-las ao fogo. Mas tendo-as o Senhor livrado dele, sem qualquer dano, mandou, então, que lhes cortassem as cabeças, e assim se fez. Antes, porém, deram graças ao Senhor por aquele benefício que recebiam da sua mão, suplicando-lhe que aceitassem seus corpos e suas almas em sacrifício. E, num só espírito e numa só voz, todas as sete disseram: Damos-vos graças Senhor, Senhor, porque nos concedestes a graça de sermos sacrificadas neste Altar, como inocentes Cordeiras.

Não entrou no calendário romano antes do século XI. Mas, apesar disso, a devoção expandiu-se e foi consolidada entre o povo dois séculos antes, pela grande devoção que principiou, então, a ser-lhe dedicada em Roma. Em sua honra, aí se levantaram, não menos de 35 igrejas. As Actas da sua vida e martírio são um pouco anteriores, do século IX. Embora tardias, como se vê, têm um fundo de verdade e historicidade, que não se pode desprezar. A tradição oral e a liturgia conservaram sempre os traços fundamentais do seu carácter e santidade, que o autor anónimo exagerou depois na legenda escrita.

Quis o Prefeito tentar novamente S. Brás. E, como não obtivesse o que queria, mandou-o lançar àquela lagoa. Mas ele fazendo (o sinal da) a Cruz, andava sobre as águas, sem se afundar. E, sentando-se no meio da água, convidou os Infiéis e Ministros de Justiça a entrar na água, como ele, se julgavam que os seus deuses os podiam ajudar. Entraram sessenta e oito e imediatamente, indo ao fundo, se afogaram.

E o Anjo apareceu a S. Brás e disse: Oh alma iluminada do Senhor, oh Pontífice amigo de Deus, sai desta água, para que recebas a coroa da Glória imortal. O Santo Mártir saiu da água para terra, com um rosto tão resplandecente que provocou temor e espanto aos Pagãos e alegria e satisfação aos Cristãos. O Prefeito confuso e traído pelo pouco que valeram as suas invenções e arte, mandou-o degolar. O Santo,

> pronto a estender o pescoço à lâmina, fez uma oração ao Senhor, suplicando por quantos o haviam ajudado nos seus trabalhos e pelos que, nos séculos futuros, se encomendassem às suas orações. E o próprio Senhor lhe apareceu e, com voz clara, de modo que todos ouvissem, disse: Eu ouvi a tua oração e concedi-te o que me pedes. E logo lhe foi cortada a cabeça e as dos dois filhos daquela mulher que, como referimos, a pedido deles, os encomendara a S. Brás.

S. Brás é padroeiro contra as doenças de garganta, porque, segundo referem as Actas, salvou a vida dum menino que estava a morrer por ter engolido uma espinha de peixe. A mãe apresentou-se ao Santo Bispo com o menino ao colo. S. Brás levantou os olhos ao céu, suplicou ao Senhor, e logo a seguir o menino deitou fora a espinha e ficou curado.

> Este foi o fim glorioso deste Santo Pontífice. Morreu em Sebaste, a três de Fevereiro, e, nesse dia, celebra a Igreja a sua festa. Os Cristãos tomaram o seu corpo e sepultaram-no com grande devoção. E o Senhor realizou grandes milagres por sua intercessão e deu saúde a muitos enfermos.
>
> No martírio deste Santo, possuímos admiráveis exemplos de Fé, fortaleza e perseverança. E, especialmente, devem imitar tão Santo Prelado, os Prelados da Igreja. E as mulheres às santas mulheres que, por santa devoção e, recolhendo seu bendito sangue, varonilmente, morreram por Cristo. E até as crianças podem tomar exemplo dos meninos que foram decapitados com o Santo, preferindo seguir a sua piedosa mãe na morte que ficar-se nesta vida miserável.
>
> **Flos Sanctorum, Padre Pedro Ribadeneyra, (1526-1611) / 1688 / 1790**.

A devoção penetrou profundamente no coração do povo cristão. O que não se explica sem as graças especiais que o Santo concede aos seus devotos. Os cardadores invocam-no também como patrono, pois foi submetido aos pentes de ferro, quando era martirizado. Na Rússia é tido como advogado especial nas doenças dos animais, pelos milagres que realizou neles.

Conservam-se muitas tradições populares na Europa que evocam a protecção de S. Brás, na Itália, na Suíça, na França, na Alemanha, na Inglaterra, na Espanha e em Portugal.

Culto

Apesar origem oriental do Santo, o seu culto veio a tornar-se muito popular no Ocidente, pelos divulgados milagres e por grande difusão de relíquias. Pertence ao grupo dos quatorze auxiliadores ou intercessores. Mas muitas outras profissões o têm por patrono.

A proximidade da festa da candelária criou diversos tipos de associação litúrgica que saíram em benefício desta festa, nomeadamente pela bênção dos círios aplicados entrecruzados (X) à garganta dos enfermos.

Segundo a tradição, S. Brás intercede pelas doenças da garganta e, pela indicação de um antigo médico, Aetius Amidenus, sobretudo das espinhas de peixe ou de outros objectos, nela, alojados. No séc. XII, segundo João Beleth, é invocado para os males de dentes e doenças de animais.

É o santo (Sveti Vlaho) patrono da Cidade de Dubrovnik que, segundo a tradição, apareceu em 971, prevenindo os habitantes de um iminente ataque dos Venezianos. Na Rússia, é o patrono dos rebanhos. Muitas cidades reclamam possuir relíquias do santo. Muitas associações invocam-no o santo como protector.

É celebrado no Ocidente em 3 de Fevereiro e no Oriente em 11 de Fevereiro.

Iconografia

Aparece, com vestes episcopais, coberto com mitra de bispo, possui como atributo o rastelo (pente de cardação do linho ou da lã), objecto de martírio. Com frequência, também, é representado com dois círios entrecruzados que se aplicavam na garganta dos enfermos ou um círio em espiral.

Acontece, mais raramente, que venha figurado com um porco ou apenas com a cabeça (de acordo com a tradição de que o santo tenha obrigado um lobo restituir um porco que roubara a uma mulher pobre).

Em Espanha e Portugal, encenado, levando a mão ao pescoço do doente ou com um menino com a mão na garganta.

Trad. e adaptação MA